



1º-10-14 - Sessão solene 2º Aniversário. Acadêmicos das entidades literárias coirmãs nos brindaram com suas distintas presenças.



Coronel Valdemir Cabral, Comandante Geral da PMSC, Coronel Roberto, Presidente da Almesc, Dr. Augusto César Zeferino, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Dr. Valdemar Valsechi, Presidente da Academia Catarinense Maçônica de Letras.

Diretoria Executiva

Presidente:

Coronel Roberto Rodrigues de Menezes

Vice-Presidente:

Coronel Paulo Roberto Bornhofen

Diretor de Cultura e Eventos:

Tenente Coronel Fredolino Antônio David

Secretaria:

Major Edenice da Cruz Fraga

Tesoureiro:

Coronel Álvaro Maus

Bibliotecário:

Tenente Coronel Alexandre Corrêa Dutra



Conselho Fiscal:

Coronel Edmundo José de Bastos Júnior

Coronel Ib Silva

Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski

Acadêmicos

Cadeira 1 — Coronel Edmundo José de Bastos Júnior

Cadeira 2 — Coronel Roberto Rodrigues de Menezes

Cadeira 3 — Coronel Paulo Roberto Bornhofen

Cadeira 4 — T C Fredolino Antônio David

Cadeira 5 — Major José Geraldo Rodrigues de Menezes

Cadeira 6 — Coronel Álvaro Maus

Cadeira 7 — T C Alexandre Corrêa Dutra

Cadeira 8 — Coronel Ib Silva

Cadeira 9 — Major Edenice da Cruz Fraga

Cadeira 10 — Coronel Nazareno Marcineiro

Cadeira 11 — Coronel Marcos de Oliveira

Cadeira 12 — T C Francisco de Assis Vitovski

Cadeira 13 — Coronel Marlon Jorge Teza

Cadeira 14 – Coronel Giovani de Paula
 Cadeira 15 – Coronel Onir Mocellin
 Cadeira 16 – T C Marcello Martinez Hipólito
 Cadeira 17 – T C Altair Francisco Lacowicz
 Cadeira 18 – Vaga
 Cadeira 19 – Major José Ivan Schelavin
 Cadeira 20 – T C José Luiz Gonçalves da Silveira
 Cadeira 21 – Soldado Edson Rosa Gomes da Silva
 Cadeira 22 – Sub Tenente Andrei Francisco Fernandes
 Cadeira 23 – Coronel Luiz Antônio Cardoso
 Cadeira 24 – Major Alessandro José Machado

Patronos:

Cadeira 1 – Coronel Antônio de Lara Ribas
 Cadeira 2 – Comendador Feliciano Nunes Pires
 Cadeira 3 – Coronel Cantídio Quintino Régis
 Cadeira 4 – Tenente Coronel João Elói Mendes
 Cadeira 5 – Coronel Pedro Lopes Vieira
 Cadeira 6 – Coronel João Cândido Alves Marinho
 Cadeira 7 – 2º Tenente Waldemiro Ferraz de Jesus
 Cadeira 8 – Major Ildefonso Juvenal da Silva
 Cadeira 9 – Coronel Zinaldo José Ghisi
 Cadeira 10 – Capitão Osmar Romão da Silva
 Cadeira 11 – Coronel Ruy Stockler de Souza
 Cadeira 12 – Tenente Coronel Januário de Assis Corte
 Cadeira 13 – Coronel Mário Fernandes Guedes
 Cadeira 14 – Coronel Theseu Domingos Muniz
 Cadeira 15 – Coronel Carlos Hugo de Souza
 Cadeira 16 – Tenente Coronel Roberto Kel
 Cadeira 17 – Tenente Coronel Demerval Cordeiro
 Cadeira 18 – Capitão Manoel Gomes
 Cadeira 19 – Capitão Euclides de Castro
 Cadeira 20 – Desembargador José Arthur Boiteux
 Cadeira 21 – Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho
 Cadeira 22 – Capitão Honorário Alexandre Mimoso Ruiz
 Cadeira 23 – Coronel Agostinho Sielski
 Cadeira 24 – Luís Delfino dos Santos



DIÁRIO ACADÊMICO

2º Semestre de 2014



11 de julho – 19:30 horas - Sessão comemorativa da Academia de Letras do Brasil, seccional Florianópolis, em homenagem ao pescador açoriano, no segundo piso do bar do Arante, no Pântano do Sul. O presidente Valdir Mendes fez as honras da casa. Sexta-feira chuvosa e engarrafada, mas o evento foi um sucesso. Após, um jantar à base de frutos do mar. O presidente da Almesc compareceu.



17 de julho – O presidente recebeu do Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, a Certidão de Registro 646-038, Livro 1242, Folha 359 (protocolo de requerimento 2014 SC 342), que torna oficial a Canção da Academia de Letras dos Militares Estaduais, letra de Roberto Rodrigues de Menezes e Música do capitão músico Walfredo Raymundo Pinho.



29 de julho – Conselho Editorial da Editora Cultura em Movimento, ligada à Fundação Cultural de Blumenau: tomou posse como conselheiro, sendo eleito seu presidente, o nosso vice-presidente, coronel Paulo Roberto Bornhofen. Parabéns ao confrade pela nova e relevante comissão na área da cultura na bela Blumenau.



15 de Agosto - Declaração de Utilidade Pública Municipal. Lei nº 9.608 de 15 de agosto de 2014 declara de utilidade pública a Academia de Letras dos Militares Estaduais, entidade civil sem fins lucrativos, com sede e foro nesta capital. César Souza Junior, Prefeito Municipal;

Eron Giordani – Secretário municipal da Casa Civil. O projeto foi patrocinado pelo vereador e presidente da Câmara Municipal de Florianópolis, Dr. César Luiz Belloni Faria, a quem a entidade agradece a gentileza, presteza e eficiência.

(Publicado no Diário Oficial Eletrônico do Município de Florianópolis. Edição 1280, 19 de agosto de 2014, página 1).



16 de agosto – 15 horas – Academia São José de Letras, no Centro Histórico do município – Sessão de Saudade em homenagem ao acadêmico Alzemiro Lídio Vieira, falecido em 21 de outubro do ano passado. Compareceram Roberto, Bornhofen e Edenice mais Iratan, marido de nossa confrere. Ele bateu a foto.



18 de agosto – 20 horas – Assembleia geral extraordinária para decisão de importantes assuntos. Eis os temas propostos e aprovados:

- eleição da diretoria executiva do biênio 2012-2014 e Conselho Fiscal. Nominata na página inicial da revista;
- patronos definidos: Cadeira 22: Capitão Honorário Alexandre Mimoso Ruiz; Cadeira 23: Coronel Médico Agostinho Sielski; Cadeira 24: Luiz

Delfino dos Santos;

- modificação do Estatuto em seu artigo 29, com possibilidade de reeleições livres da Diretoria Executiva;
- aprovação do Regimento Interno da entidade;
- análise do pedido de afastamento do coronel Nazareno Marcineiro;
- distribuição de “O Clarim 4” para os acadêmicos;
- concessão de medalha acadêmica, diploma de Amigo da Academia e diploma de Acadêmico de honra em sessão solene de 1º de outubro;
- eleição de três novos acadêmicos e posse em 1º de outubro;
- deferido o pedido de afastamento definitivo do major Jorge Eduardo Tasca, pelo plenário reunido.

19 de setembro – 20 horas: Solenidade de 18 anos da Academia de Letras de Biguaçu e lançamento da Antologia 2014 (Quem são eles). Presenças do poeta Liberato Manoel Pinheiro Neto, Vice-presidente da ACL e de Roberto Menezes. Recepção no Casarão Born.



Em pé: Carlos Caldas, Roberto, Adauto Beckhauser. Sentadas: Dalvina Siqueira (Estrela), Janice Volpato, Neusita Churkin e Dulcinéia Beckhauser. À direita o presidente Adauto, Roberto e Pinheiro Neto, vice-presidente da ACL.



23 de setembro – 17:30 H: Homenagem do CBM, na semana de seu 88º aniversário, à Banda de Música da PMSC, o *piano catarinense*. Presenças do Comandante Geral da PM, Coronel Valdemir Cabral, e do Comandante Geral do CBM, Coronel Marcos de Oliveira, além de Oficiais, Praças e familiares. O Presidente compareceu.



"Ceremonialis, Sapientia In Profundis"

24 de setembro – Uma importante notícia, que honra efetivamente a nossa entidade. O confrade Fredolino Antônio David foi eleito por unanimidade para ocupar a Cadeira 2 da ABCP, Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo, que tem como Patrono o Visconde de Sinimbu. A cadeira foi declarada vacante com o falecimento do seu primeiro ocupante, o Embaixador Augusto Estellita Lins. A Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo é presidida pelo Professor Marcílio Lins Reinaux. O falecido Embaixador Augusto Estellita Lins era Vice-Presidente. A posse dar-se-

Embaixador Augusto Estellita Lins. A Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo é presidida pelo Professor Marcílio Lins Reinaux. O falecido Embaixador Augusto Estellita Lins era Vice-Presidente. A posse dar-se-

á no dia 05 de dezembro próximo em Brasília. Parabéns ao caro confrade por tão relevante conquista, que só vem coroar o seu vasto conhecimento de Cerimonial e Protocolo. O homem certo na Cadeira certa.

24 de Setembro – O acadêmico Roberto Rodrigues de Menezes, teve



seu nome aprovado pelo Conselho do IHGSC, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e homologado por seu presidente, escritor Augusto César Zeferino, para ingressar como membro efetivo naquela centenária entidade de cultura. Posse

em Dezembro do corrente ano, juntamente com Osmarina Maria de Souza, a grande dama das Academias, e o jornalista Dakir Polidoro Junior. O presidente foi indicado pela 1ª secretaria e membro emérito do Instituto, escritora e poetisa Maura Soares.



BOMBEIROS
Missão Salvar 193



26 de setembro – 10 horas – Solenidade alusiva ao aniversário do Corpo de Bombeiros Militar no Centro de Ensino na Trindade. Oriundo de uma pequena seção comandada pelo Tenente Waldemiro Ferraz de Jesus em 1926, dentro do escalão da PM, vemos com alegria o CBM transformar-se numa imponente Corporação, desmembrada em 2003, que tantos serviços de excelência tem prestado à gente catarinense. 22 cadetes receberam seus espadins. Nossos parabéns ao Comandante, Acadêmico Coronel Marcos de Oliveira, e a todos os oficiais e praças. O Comandante do CBM vem realizando um excelente trabalho à frente de sua valorosa Corporação.

1º de outubro: Sessão solene de 2º aniversário da Academia:

- Mesa de autoridades: Coronel Roberto Rodrigues de Menezes, presidente da Academia; Vereador César Luiz Belloni Faria, presidente da Câmara Municipal de Florianópolis; Coronel Fernando Rodrigues de Menezes, Secretário Adjunto da Secretaria de Segurança Pública, representando o Governador; Coronel Valdemir Cabral, Comandante Geral da PMSC; Coronel Marcos de Oliveira, Comandante Geral do CBM; Escritor Liberato Manoel Pinheiro Neto, Vice-presidente da Academia Catarinense de Letras, representando o seu presidente, Dr. Salomão Antônio Ribas Junior; Dr. Augusto César Zeferino, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; Dr. Ademar Valsechi, presidente da Academia Catarinense Maçônica de Letras; Coronel Rogério Martins, presidente da ABVO; Coronel Fred Harry Schauffert, presidente da ACORS e historiador Nereu do Vale Pereira.
- Tomou posse a Diretoria Executiva para o biênio 2014-16 (página 1), sendo reconduzidos os três membros do Conselho Fiscal.
- Tomaram posse os seguintes acadêmicos eleitos a 18 de agosto: Cadeira 22 - Subtenente Andrei Francisco Fernandes; Cadeira 23 - Coronel Luiz Antônio Cardoso e Cadeira 24 - Major Alessandro José Machado.
- Medalha de Mérito da Academia na sua segunda edição anual: Professor e Historiador Nereu do Vale Pereira, pela relevância de sua obra literária.
- Diploma de Acadêmico de Honra para o Coronel Valdemir Cabral, Comandante Geral da PMSC.
- Diploma de Amigo da Academia para o Vereador César Luiz Belloni Faria, presidente da Câmara Municipal de Florianópolis.
- Oração acadêmica do Major José Geraldo Rodrigues de Menezes.
- Discursos de posse dos novos acadêmicos.
- Coquetel no espaço C da ABVO, coordenação de Sílvia Menezes.



Acadêmicos Ib Silva, Francisco de Assis Vitovski e Edmundo José de Bastos Júnior.

O circunspecto Conselho Fiscal da Academia se reúne antes da sessão solene de aniversário.



Acadêmico Andrei F. Fernandes e a filha e madrinha Isabelle.



Acadêmico Luiz Antônio Cardoso e a mãe e madrinha Luna.



Acadêmico Alessandro José Machado e a esposa e madrinha Daniela.



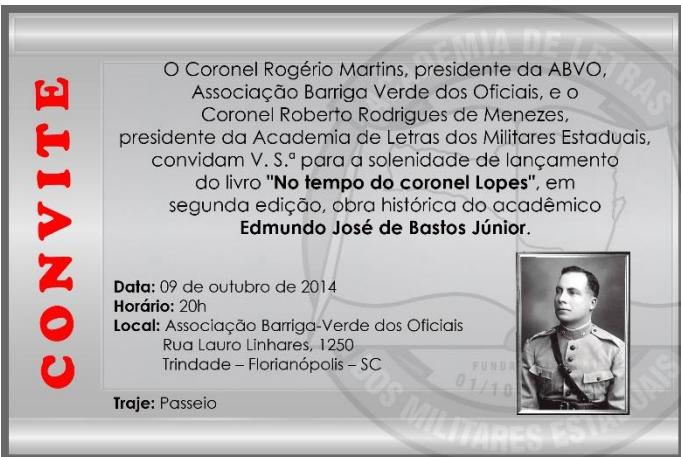
A acadêmica Edenice trouxe como convidados o 1º Tenente Sebastião Sales Bueno Junior e quatro jovens grumetes da Escola de Aprendizes Marinheiros. A todos agradecemos o prestígio da presença.



Cadetes da PM e CBM honraram a Academia com suas presenças.



Presidente da Almesc entrega ao Cel Valdemir Cabral o diploma de Acadêmico de Honra.



9 de outubro – 20 horas na ABVO, Trindade. Lançamento do Livro “No tempo do Coronel Lopes” em segunda edição, pelo acadêmico Edmundo José de Bastos Júnior. Editora Insular. Nossa historiador maior reedita importante obra que narra tempo ímpar e relevante da gloriosa história da Polícia Militar, com registros peregrinos do comando do Coronel Pedro Lopes Vieira. Parceria ABVO e Academia. Presentes os acadêmicos Edmundo, Roberto, Bornhofen, David, Corrêa, Menezes, Edenice, Nazareno, Oliveira (Cmt Geral CBM), Giovani e Mocellin. Compareceram também o Coronel Valdemir Cabral, Cmt Geral da PM e esposa; professor Nereu do Vale Pereira; Rudney Pfuentzenreuter, presidente da Academia São José de Letras; Coronel Rogério Martins, Presidente da ABVO; Coronel Fred Harry Schauffert, Presidente da Acors, além de oficiais, praças, familiares, uma representação de cadetes da PM e acadêmicos e acadêmicas de outras entidades literárias.



Após autografar seu livro, nosso decano coronel Edmundo cumprimenta o acadêmico Andrei Francisco Fernandes.



10 de outubro – 15 horas - Sessão solene na Academia Alcantarense de Letras, em São Pedro de Alcântara, que tem como presidente o caríssimo confrade Augusto Barbosa Coura Neto. Tomou posse na Cadeira 23 a poetisa Soeli Menezes, cujo patrono é Henrique Boiteux, escritor e político nascido em Tijucas. As escritoras Maura Soares e Hiamir Polli foram homenageadas. Na foto Bornhofen, Augusto e Roberto.



17 de outubro – 19 horas, na Biblioteca Municipal Barreiros Filho, no Estreito, aconteceu sessão solene da Academia Desterrense de Letras, quando foram homenageados com o prêmio Vilson Mendes de Literatura Desterrense os escritores Valter Manoel Gomes e Nereu do Vale Pereira.

Compareceram o acadêmico Luiz Antônio Cardoso acompanhado da esposa Lenita, e Roberto Rodrigues de Menezes, membro daquela entidade, com a esposa Sílvia.

20 de outubro – Parabéns ao **poeta**, bardo, trovador ou menestrel pelo seu dia. Mas, o que é ser poeta? ...

É buscar neste fadário,
dos amores relicário,
a esperança perdida.
Conseguir um verso ameno
na solidão do sereno,
tendo consolo na vida.

É velejar por mil mares
cheios de estranhos lugares,
buscando a rima escondida.

É ver também boa sorte,
dando ao poeta um suporte,
tendo consolo na vida.



29 de outubro – Dia do Livro. Meu confrade, o poeta Augusto de Abreu, me telefonou de manhã convidando para acompanhá-lo numa palestra que daria no Colégio Policial Militar. Lá já estava a confreira Inês Carmelita Lohn. Um papo interessante e produtivo com alunos do último ano do ensino médio. Foi uma manhã muito agradável. Na foto a bibliotecária Margareth Viviani, Roberto, Inês Carmelita Lohn e Augusto de Abreu. Atrás o dístico da Associação de Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses. (Roberto)

29 e 30 de outubro - Em Recife, o acadêmico Fredolino Antônio David participou da Jornada de Cerimonial, Protocolo e Etiqueta, que comemorou os 21 anos do "CNCP" (*Comitê Nacional do Cerimonial Público*). No Evento ele foi presidente da Mesa Redonda: "Eleições 2014 - Providências para os eleitos: diplomação, posse e transmissão de cargos". Participou também do Painel: "Símbolos Nacionais: normas de utilização".



9 de novembro – Assembleia Geral na Academia São José de Letras, com votação para ingresso de novos acadêmicos. Nosso vice-presidente, Paulo Roberto Bornhofen, foi eleito membro efetivo daquela entidade literária. Ocupará a Cadeira 1, que estava vaga, e que tem como patrono Francisco Tolentino.

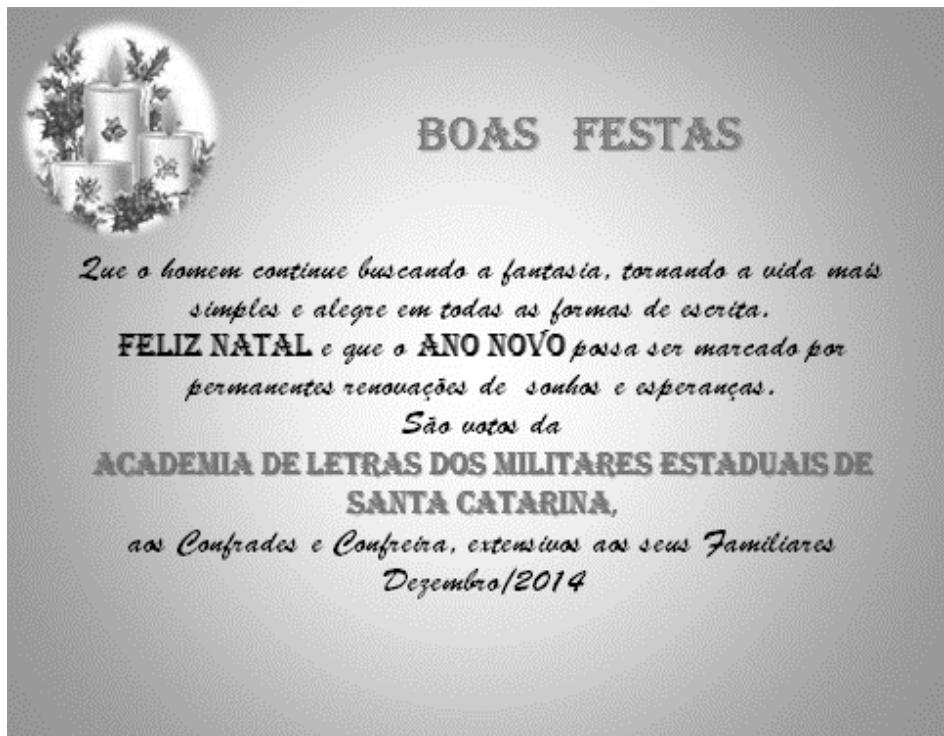
A posse acontecerá em abril do ano vindouro, mês em que a Asajol completa 19 anos. O coronel Bornhofen está muito feliz, pois vai ocupar uma Cadeira na Academia de Letras de sua terra natal.

5 de Dezembro – Brasília, DF, Auditório do Tribunal de Contas da União. – Posse do acadêmico Fredolino Antônio David na Cadeira 2 da Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo.

10 de Dezembro – 17 horas – Florianópolis, Casa José Boiteux – Posse do acadêmico Roberto Rodrigues de Menezes como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Após, jantar festivo na Churrascaria Lindacap.

– As três posses (David, Bornhofen e Roberto) serão notícia detalhada no próximo Clarim. Conquistas de espaços culturais da entidade.

17 de Dezembro – 20 horas – Jantar de confraternização de final de ano acadêmico. Os membros efetivos da Almesc, cônjuges e convidados se reuniram no restaurante *Forneria Pappatore*, em Coqueiros, Florianópolis, para comemorar o êxito das atividades do ano que se finda.



Cartão elaborado pela nossa querida Lenita, esposa do confrade Luiz A. Cardoso. As rosas oferecidas às esposas (e a Iratan, marido de Edenice) também foram ideia dela.

1 – Acadêmico Edmundo José de Bastos Júnior



9-10-14 – Sessão de autógrafos do livro “No tempo do Coronel Lopes”. Coronel Edmundo e o subtenente Francioni.

A Canção do Expedicionário

Sempre que sou convidado para solenidade militar na nossa PM, procuro chegar mais cedo. É que gosto de assistir ao ceremonial de incorporação da Bandeira Nacional à tropa formada para a ocasião. Arecio a beleza, a marcialidade, precisão de movimentos de ordem unida e a música da banda, que me provocam emoção, tanto pela lembrança dos tempos de oficial da ativa, quando participava de atos semelhantes, como de minha infância, em Joinville.

A cerimônia se inicia quando, quando, “a ordem do comandante da tropa, a banda inicia a execução, em sequência, de um trecho da Alvorada, de Lo Schiavo, de Carlos Gomes, da Canção do Expedicionário e do Hino à Bandeira. Logo no início da Canção do Expedicionário, há um breve intervalo, no qual um solo de pratos e uma forte batida do bumbo marcam o rompimento da marcha da Guarda da Bandeira, rumo ao lugar em que receberá a continência da tropa, com execução do Hino Nacional.

É exatamente a Canção do Expedicionário que me transporta à infância. Canto mentalmente a letra, que, por tantas e tantas vezes repetida em ambiente de intensa vibração patriótica, ficou guardada em algum remoto escaninho da minha memória, como com certeza aconteceu com muitas pessoas que viveram aquele tempo. Fico

pensando em quantos dos presentes reconhecem naquela marcha empolgante o mais expressivo registro musical de um período tão importante da história do nosso país, em que soldados brasileiros atravessaram o Atlântico para lutar ao lado das forças que combatiam o totalitarismo nazifascista.

Daí a ideia de escrever este texto.

Em 1942, minha família residia em Joinville, numa casa situada à Rua Frederico Hübner, hoje denominada Max Colin. Aos 8 anos (faria 9 em maio) eu cursava o 2º ano do Curso Primário, no Grupo Escolar, atual Colégio “Prof. Germano Timm”, no qual minha irmã mais velha, Eddy era professora, e outras duas irmãs, Yvette e Regina, faziam o curso complementar.

A escola era um tanto longe de nossa casa, cerca de um quilômetro e meio, distância que percorríamos a pé, com lama, quando chovia, ou sob poeira, nos dias de sol. Meu pai ia de bicicleta para o trabalho, na Arp & Cia., uma empresa que vendia desde secos e molhados até automóveis, e incluía uma fábrica de meias.

No começo daquele ano, a guerra iniciada com a invasão da Polônia pela Alemanha de Hitler, em 1º de setembro de 1939, já tomara proporções mundiais. O ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, determinara a entrada dos Estados Unidos no conflito.

As notícias da guerra chegavam pelas estações de rádio do Rio e São Paulo. Criado naquele tempo, o “Repórter Esso”, noticiário radiofônico apresentado pelas rádios Nacional, do Rio e Record, de São Paulo, levava aos ouvintes, na voz do seu locutor exclusivo, Heron Domingues, as mais recentes informações sobre a guerra.

Em 28 de janeiro de 1942 – ao final da Conferência de Chanceleres das Repúblicas Americanas – o Brasil, rompendo a neutralidade que procurava manter diante do conflito, rompeu relações diplomáticas com os países do chamado Eixo, ou seja, Alemanha, Itália e Japão.

Pouco depois, em fevereiro, começou o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães. No dia 14, o navio Cabedelo foi torpedeado opor um submarino alemão em águas do Atlântico. Em meados de agosto, quatorze haviam sido postos a pique. Entre os dias 15 e 17 daquele mês, outros cinco foram torpedeados: “Baependi”, “Araraquara”, “Aníbal Benévolo”, “Itagiba” e “Arará”.

O “Arará” foi atingido quando procurava resgatar sobreviventes do “Itagiba”. Este último, um dos “Ita” da Companhia de Navegação Costeira, era bem conhecido da nossa família: foi nele que viajamos de Paranaguá para São Francisco.

A perda de tantos navios – os primeiros afundados na costa brasileira – em tão curto espaço de tempo, com a morte ou desaparecimento de mais de seiscentas pessoas, provocou uma onda de indignação por todo o país, com manifestações populares que exigiam a entrada do Brasil na guerra.

A 22 de agosto, o governo reconheceu o estado de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras, Alemanha e Japão. Pouco depois, no dia 31, o presidente Vargas assinou decreto em que declarava o estado de guerra em todo o território brasileiro.

O estado de guerra determinou alterações no dia a dia do povo brasileiro. A insegurança da navegação e as dificuldades do transporte rodoviário provocaram problemas no abastecimento. Bens essenciais se tornaram escassos e alguns desapareceram do mercado. O açúcar foi racionado. Para suprir a falta de gasolina, muitos proprietários de veículos lançaram mão do gasogênio, aparelho que produzia gás combustível a partir da queima de carvão. No trajeto para a escola, vi várias vezes donos de automóveis com aqueles dois tubos enormes fixados na traseira do veículo esperando que o carvão em brasa produzisse calor suficiente para a produção do gás. Os que não tinham condições de instalar o aparelho, como um vizinho nosso, proprietário de um valente “fordeco”, simplesmente recolhiam seus veículos à garagem.

Mas o sentimento patriótico fazia com que a população suportasse os sacrifícios e procurasse colaborar no esforço de guerra. Os homens eram convocados a participar da defesa civil, colaborando na fiscalização dos **black out**, exercícios de apagamento de luzes das cidades para prevenir possíveis ataques aéreos, e promovendo campanhas para coleta de objetos de metal para eventual uso da indústria e das formas armadas. Lembro-me de pilhas de panelas, marmitas e outros utensílios em locais públicos.

As mulheres eram encorajadas a frequentar cursos para enfermeiras de guerra, promovidos pela Cruz Vermelha brasileira. Minha irmã Eddy fez um desses cursos, de Primeiros Socorros, realizado pela filial joinvilense da Cruz Vermelha, recebendo o Certificado de Voluntária Socorrista.

Aviões da FAB e barcos da marinha patrulhavam as nossas costas.

Em 1º de janeiro de 1943, o locutor de uma grande emissora do centro do país festejou a chegada do “ano da Vitória”. Ainda que, após os êxitos iniciais de Hitler, o curso da guerra mostrasse reversão em favor dos aliados, era certo que ainda haveria muita luta, e muitas mortes, antes da vitória final.

Naquele ano, iniciaram-se os preparativos para o envio de um contingente brasileiro para lutar na Europa.

A Força Expedicionária Brasileira ficou pronta para seguir para o teatro de operações em meados do ano seguinte. Eram 25.334 homens, distribuídos em uma divisão de infantaria, com os órgãos de apoio de outras armas do Exército – artilharia, engenharia, saúde, reconhecimento – e uma esquadrilha de aviação. Para comandá-la, foi designado o general de divisão João Batista Mascarenhas de Moraes.



Certificado de “Voluntária Socorrista” de minha irmã.

No dia 6 de junho, o Dia D, seguindo instruções das autoridades, as pessoas que possuíam aparelhos de rádio os colocaram à janela de suas casas, de modo que a população pudesse acompanhar as notícias sobre o avanço das tropas aliadas após o desembarque na Normandia. Foi assim que acompanhei a marcha da invasão desde o final das aulas do Germano Timm, na Rua Orestes Guimarães, até a Avenida Procópio Gomes, para onde se mudara nossa família.

O primeiro escalão da FEB partiu a 2 de julho, e, no dia 16, desembarcou em Nápoles. Outros quatro escalões seguiriam nos meses seguintes.

No primeiro semestre daquele ano, os Diários Associados, a rede de jornais e emissoras de Assis Chateaubriand, promoveram um concurso para escolha de uma música para a Força Expedicionária Brasileira. A vencedora foi “Canção do Expedicionário”, com letra do escritor e poeta paulista Guilherme de Almeida e música do maestro Spártaco Rossi, também de São Paulo.

Na belíssima letra – que tinha duas estrofes além das que foram gravadas – Guilherme de Almeida utilizou trechos da Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, e de cantigas populares da época, como Meu Limão, meu Limoeiro, Casinha Pequenina, Casa de Caboclo e outras.

Gravada em setembro daquele ano, a música, com interpretação do maior cantor popular da época, Francisco Alves, chamado o Rei da Voz, com coro e orquestra da gravadora Odeon, dirigida pelo maestro Fon Fon, passou a ser transmitida seguidamente pelas estações de rádios o que muito contribuiu para elevar ainda mais o sentimento patriótico que cercou a partida dos pracinhas – como foram chamados os componentes da FEB – e as notícias de sua campanha na Itália.

Era realmente empolgante.

Após a vibrante introdução, pela orquestra, o “Rei da Voz” declamava a primeira estrofe, com a melodia ao fundo:

**Você sabe de onde eu venho,
Venho do morro, do engenho,
Das selvas, dos cafezais.
Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco, dois é bom, três é demais.
Venho das praias sedosas, das montanhas alterosas,
Do pampa, do seringal.
Das margens crespas dos rios, dos verdes mares bravios,
Da minha terra natal.**

O coral vinha em seguida, com o estribilho:

**Por mais terras que eu percorra
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá.**

*Sem que leve por divisa
 Esse “V” que simboliza
 A Vitória que virá.
 Nossa Vitória final
 Que é a mira do meu fuzil,
 A ração do meu bornal,
 A água do meu cantil,
 As asas do meu ideal,
 A glória do meu Brasil.*

Novamente o Rei da Voz:

*Você sabe de onde eu venho
 É de uma pátria que eu tenho
 No bojo do meu violão,
 Que de viver em meu peito
 Foi até tomado jeito
 De um enorme coração.
 Deixei lá atrás meu terreiro,
 Meu limão, meu limoeiro,
 Meu pé de jacarandá
 Minha casa pequenina
 Lá no alto da colina
 Onde canta o sabiá!*

E o estribilho final:

Por mais terras ...

A FEB adotou um distintivo com a imagem de uma cobra fumando, que seus integrantes usavam no braço esquerdo. Comentava-se, na época, que um pracinha, ao ver um canhão fumegando depois do disparo, exclamara “a cobra está fumando”, o que acabou inspirando a imagem no distintivo.



O distintivo da FEB

O desempenho da Força Expedicionária Brasileira representou importante contribuição para a vitória aliada sobre as forças alemãs na Itália ocupada. Seu feito mais destacado foi a tomada de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945.

No dia 30 de abril do mesmo ano Adolf Hitler suicidou-se. Poucos dias depois, a 8 de maio, a Alemanha rendeu-se incondicionalmente. Estava terminada a guerra na Europa.

A Força Expedicionária Brasileira teve 454 mortos, e 2500 feridos, muitos deles mutilados.

O 1º escalão retornou ao Rio em 18 de julho. Uma grande multidão aguardava os pracinhas – muitas pessoas viajaram ao Rio especialmente para isso – e lhes proporcionou extraordinária ovação, no desembarque, e depois, em desfile na Avenida Rio Branco, na então capital da República.

Os corpos dos que ficaram na Itália, sepultados no Cemitério de Pistoia, foram transladados no início da década de 1960 para o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro.

Até hoje, remanescentes da Força Expedicionária Brasileira, nonagenários, mantém a tradição de participar dos desfiles militares de 7 de setembro em várias cidades do país.

Nessas ocasiões, a Canção do Expedicionário pode ser ouvida.

Florianópolis, julho/2014

Para datas e outros detalhes de eventos aqui mencionados e da FEB:
SILVA, Hélio. *História da República Brasileira*. SP, Editora Três, 1975, vol. 12.

Nosso Século. SP, Abril Cultural, 1980, vol.3.



*Tenente Coronel Heitor Lopes Caminha.
Comandou a Força Pública, hoje
Polícia Militar, de 20-11-1930 a
26-10-1932*

2 - Acadêmico Roberto Rodrigues de Menezes

Memória Militar Estadual – José Manuel de Sousa Sobrinho



Recebi da querida confreira Osmarina Maria de Souza, a grande cronista dos guardados, das Academias Desterrense e São José de Letras, material a respeito do Capitão Reformado do Exército José Manuel de Sousa Sobrinho, em recortes da obra de Abelardo Sousa (*O sábio e o idioma*), bisneto do militar. Sobrinho

comandou a Polícia Militar catarinense, chamada na época Força Policial, em duas oportunidades. Na primeira, de 1º de junho de 1861 a 20 de setembro de 1865, e depois de 17 de abril de 1872 a 16 de fevereiro de 1878. O Capitão era casado com Rita Inácia de Almeida Sousa, ambos nascidos no ano de 1817 e primos-irmãos. Tiveram um único filho, José Brasilício de Sousa. José Manuel era filho do Major Jacinto Mateus de Sousa e de Maria Antônia de Carvalho, ambos naturais de Desterro. Ele e Rita casaram na igreja matriz da capital num horário no mínimo curioso: cinco horas da manhã. José Manuel era filho único, mas Rita teve outros irmãos, todos homens: Luís, José, Cipriano, Marciano e Venâncio. José Manuel de Sousa Sobrinho teve o nome *Sobrinho* colocado pelo pai para diferenciar de outros nomes iguais na família dele e mesmo na da mulher. Mas em notas oficiais e de imprensa muitas vezes se esquecia o termo Sobrinho.



Capitão Reformado José Manuel de Sousa Sobrinho, que comandou a Força Policial por dois períodos, perfazendo dez anos (quatro e seis). No segundo foi comissionado no posto de Major.

O comandante teve as seguintes alterações na sua carreira, todas elas enumeradas no livro de Abelardo Sousa:

- Carta patente do Imperador Pedro II (promoção de cadete ao posto de 2º tenente) de 22 de novembro de 1844.

- Carta patente do Imperador (promoção de 2º a 1º tenente) de 11 de setembro de 1849.
- Diploma relativo à obtenção de medalha de prata, de 11 de abril de 1854.
- Carta patente do Imperador, pela promoção ao posto de Capitão, em 30 de janeiro de 1856.
- Carta Imperial de nomeação para Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz, de 14 de junho de 1859.

O Capitão José Manuel de Sousa Sobrinho, no seu segundo período de comando na Corporação, foi comissionado no posto de Major. Teve problemas com o presidente da província Joaquim da Silva Ramalho, que no afirmar de Ildefonso Juvenal da Silva era *"homem de reconhecidos maus propósitos com a Corporação"*. Mas Oswaldo Rodrigues Cabral assevera que não foi tanto assim: as diferenças entre o presidente e o comandante eram de natureza política. Numa época de grande agitação, Joaquim Ramalho era liberal e o Comandante homem conservador. Este foi exonerado do comando da Força em 1878.



José Brasilício de Sousa, filho de José Manuel de Sousa Sobrinho e avô de Abelardo Sousa. Abelardo, professor e maestro em Florianópolis, escreveu o livro *"O sábio e o idioma"*, com cartas do avô em idioma Volapuk.

José Manuel de Sousa Sobrinho faleceu a 16 de julho de 1895, com 78 anos. O filho José Brasilício relata o ocorrido em carta dirigida no idioma Volapuk ao Sr. Ludwig Zamponi, professor da Universidade de Graz, na Áustria:

"Desculpe-me por não ter respondido mais cedo à sua prezada carta de 27 de maio. Quando a recebi, estava muito deprimido por causa da doença que afligia o meu velho pai. Os dias passaram e, apesar do grande esforço feito pelo médico, a doença progrediu bastante. Finalmente, no dia 16 de julho, após muitos sofrimentos, meu querido

pai morreu, com pesar para aqueles que o amavam tanto. Poderá avaliar a dor que este fato causou em nossa família, principalmente em minha mãe, que estava casada há quarenta e cinco anos. Só o tempo poderá aplacar esta dor.”

A morte foi registrada pelo Jornal República, em sua edição de 17 de julho de 1895: “*Faleceu ontem nesta capital o Sr. José Manuel de Sousa, pai do Sr. José Brasilício de Sousa, a quem apresentamos, como à família, nossos pêsames*”.

Rita Inácia faleceu em 1899, com 82 anos. Os pais tinham 37 anos quando nasceu José Brasilício, que teve como herança algumas casas situadas em Desterro, e mais apólices e cadernetas com importâncias em dinheiro. José Brasilício, nascido em Pernambuco em 1854 (o pai era militar do Exército), veio para Desterro ainda criança. É o autor da música do Hino de Santa Catarina, que teve letra de Horácio Nunes Pires. Foi professor e maestro respeitado. Brasilício, que faleceu em 1910, teve como professor Anfilóquio Nunes Pires, filho de Feliciano Nunes Pires.

ABELARDO SOUSA (1920-1986) – filho de Álvaro Sousa, neto de José Brasilício de Sousa e bisneto do ex-comandante da Corporação José Manuel, foi maestro e professor em Florianópolis. Escreveu vários livros, entre eles “Painéis”, “Um líder na rota do cronista”, “O mestre escola viaja no tempo” e “O sábio e o idioma”, este publicado após a sua morte. No livro “O sábio e o idioma”, Abelardo faz referência ao avô Brasilício e ao amor deste pelo idioma Volapuk. Resgatou 55 cartas escritas pelo avô neste idioma, que pretendia ser mundial. Dizia o avô ao professor Ludwig, aqui já citado: “*Mens isik studoms nemodo*”, ou seja, “Os homens daqui (Desterro) estudam pouco.”

O idioma **VOLAPUK** foi criado pelo sábio e poliglota, sacerdote católico alemão Johan Martin Schleyer (1831-1912) e logo se expandiu na Alemanha e Áustria. Chegou a ter mais de duzentas entidades de estudo espalhadas no mundo, mas começou a se extinguir quando seu criador Schleyer, num Congresso em Paris (1885), desentendeu-se com outros estudiosos e abandonou o idioma, que significava “língua mundial” e que chegara até Desterro nos estudos de José Brasilício de Sousa.

3 – Acadêmico Marlon Jorge Teza



SISTEMA POLICIAL BRASILEIRO X SISTEMA DE SEGURANÇA PÚBLICA BRASILEIRO

Na condição de conselheiro titular do CONASP/MJ – Conselho Nacional de Segurança Pública, participei nesta semana em Brasília-DF da etapa nacional dos Diálogos Regionais para preparação CONSEG 2015 – Conferência Nacional de Segurança Pública.

Alguns fatos marcaram esses dias em que tive oportunidade de dialogar com várias pessoas. Nesses diálogos informais, acabei por observar como há uma irritante e impressionante falta de esclarecimento no que tange à segurança pública, não para a sociedade civil que não tem obrigação de conhecer com profundidade o mesmo tema, mas sim para pessoas que se intitulam especialistas ou autoridades na área e que acabam por influenciar a própria sociedade civil e decidir por todos.

Vou me referir aqui somente sobre um aspecto que mais me chamou a atenção: “O Sistema de Segurança Pública” e “O Sistema Policial” Brasileiros. Há, sem dúvida, uma confusão há muito instalada e que provoca uma série de equívocos na condução da solução do problema principal, que é a insegurança pública atualmente constatada em várias e várias regiões brasileiras.

Digo isso pois, não conhecendo o sistema policial brasileiro, composto pelas polícias com suas regras, com seus sistemas de ensino e instrução, com seus regulamentos internos, com suas carreiras, com suas missões constitucionais e atribuições legais e tudo mais, as pessoas acabam confundindo tal sistema (o policial) com o sistema de segurança pública brasileiro. O sistema de segurança pública engloba as polícias sim, mas também e não menos importante, o sistema prisional/penitenciário, o sistema Judicial, o Ministério Público as demais instituições Nacionais, Estaduais e Municipais (trânsito e segurança de seus próprios) e o Legislativo.

Esta confusão leva as pessoas, principalmente os ditos especialistas e autoridades, a atacarem as polícias e seus sistemas e não o sistema de segurança pública, que é muito mais abrangente. Dentro dessa visão distorcida, as polícias quando atacadas e ameaçadas de modificações significativas e até de extinção, acabam, até por instinto, gastando suas

energias em defender-se para provar que a culpa da insegurança pública não é exclusiva sua, ou seja, do sistema policial, "tentando" demonstrar que o problema está no sistema de segurança pública, o qual envolve muitos outros órgãos e instituições de Estado, muito além do sistema policial. Essa energia que poderia ser utilizada somente para a atividade policial, acaba sendo dispersada para outras causas.

O que se constata é que há muito tempo a tônica é erroneamente o sistema policial; tanto é verdade, que a maioria das propostas legislativas que tramitam no Congresso Nacional são nesse sentido. Constatase também que algumas mudanças já realizadas no sistema policial demonstraram que em nada resolveram o problema; ao contrário acabaram por agravá-lo em muitas situações. Tenho a convicção que no momento em que os especialistas e as autoridades, aí incluídos o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, mudarem seu foco atacando e modificando o sistema de segurança pública (muito mais abrangente), deixando as polícias autonomamente desempenharem suas missões, aí sim, teremos a segurança das pessoas melhorada sensivelmente.

Polícias funcionando com autonomia e recursos adequados, sistema prisional/penitenciário organizado nacionalmente também com autonomia e recursos adequados, Judiciário e Ministério Público com o propósito de participar da resolução dos problemas do sistema de segurança pública e sistema legal adequado, através do Legislativo, modificado no sentido de diminuir a impunidade com celeridade e reeducar realmente o condenado e, finalmente, Executivo focado no sistema de segurança pública e não somente no sistema policial, é o encaminhamento real e concreto para a solução do problema.

As polícias, só elas, não são as culpadas pela insegurança pública. Vamos refletir sobre isso.



Major Carlos Augusto Campos

Comandou a Força Policial, hoje Polícia Militar, por exatamente um mês: 27-11-1891 a 27-12-1891. Época de grandes embates nacionais e estaduais.

4 – Acadêmico José Geraldo Rodrigues de Menezes



Divagações no consultório

Depois de inúmeras consultas, era a primeira vez que se sujeitara a fazer todos os exames recomendados, mesmo estando convicto que padecia mais da alma que do corpo. Sumido do consultório há mais de um ano, usara a

requisição amarelhada que dispunha e resolvera procurar novamente o médico. Dores lancinantes na coluna o afigiam, turvavam seus pensamentos. Um mal estar físico e psíquico apoderava-se da sua frágil estrutura.

— Bom dia Doutor. É sempre bom revê-lo.

— Há quanto tempo? Não me diga que realizou os exames! Sente-se por favor. Vamos analisá-los, enquanto me conta as novidades.

— Como o senhor sabe, estamos passando por uma grande crise de legitimidade. Nossos representantes não correspondem as nossas expectativas, têm ojeriza pela gestão pública e o caos social, na minha despretensiosa opinião, está instalado no Brasil.

— Disso já sabemos, mas me fale do seu dia-a-dia, do que vem fazendo.

— Na verdade não paro de ler as mais disparatadas notícias e de sentir náuseas com tanta corrupção e malversação do dinheiro público. Basta abrir o Globo, o Estadão e a Folha, que os escândalos pululam, saltam aos olhos. Creio que as dores na coluna são apenas reflexas, sintoma difuso do meu estado de prostração e incredulidade. Mas de uma coisa o senhor pode estar certo Doutor, nunca desistirei do Brasil.

— Entendo. Na verdade pouco podemos fazer para alterar tal estado de coisas, não é mesmo? Quando lhe perguntei o que vem fazendo, me referi aquelas atividades que lhe dão prazer e lhe preservam a saúde. A atividade física tem sido regular?

— Na verdade me exercito, mas não tão ativamente quanto havia me recomendado. Percorro diariamente, em paulatinos passos, os 300 metros que separam o hall de entrada do meu apartamento da banca de

jornal mais próxima, onde adquiro os principais periódicos do país. Confesso que, com esta estiagem, somada ao clima tórrido e desolador do Rio de Janeiro, tenho suado a cântaros. Apesar disso, me realizo com esta caminhada. Chego na aprazível banca, converso com alguns amigos sobre a degradante situação do nosso anacrônico sistema político e compartilho as fofocas, invariavelmente ligadas às mesquinharias e mazelas do sofrível cotidiano nacional. Acompanhar toda essa patifaria é minha missão, o meu exercício pleno de cidadania, tenho para isso um pendor quase vocacional... E isso, Doutor, me dá imenso prazer.

— Mas como uma atividade que lhe deixa prostrado e lhe causa ânsia de vômito pode ser tão prazerosa?

— O senhor nunca entenderá isso. São os insolúveis e indecifráveis enigmas que nos afigem e, ao mesmo tempo, desorientam. Talvez um psicólogo possa, algum dia, me entender.

— Acho que a maioria das pessoas esclarecidas são indiferentes a nossa periclitante situação. Porque a classe médica, doutor, dita dirigente, não se preocupa mais com os rumos do país? Porque a missão do médico é apenas clínica? Do advogado apenas peticionar? Do engenheiro apenas projetar? O senhor acha que esses profissionais não poderiam se afastar um milímetro de suas atribuições funcionais, da inequívoca intenção de acumular um dinheirinho a mais, e se preocupar um pouco com a construção da sociedade que queremos para as futuras gerações?

— E que sociedade queremos? O senhor pode me explicar?

— Reconheço que está é uma instigante pergunta Doutor. Contudo, não me leve a mal. Não vim aqui para explicar, mas muito mais para provocar. Não o senhor, é claro, mas o seu pensamento reflexivo.

— Muitos médicos estão ligados à atividade política, como também advogados, engenheiros, professores. Posso lhe assegurar que muitos fazem um grande trabalho parlamentar... Mas me permita, antes de maiores devaneios, analisar o resultado dos exames. Pelo que estou vendo, todos os índices pioraram. O colesterol está nas alturas, triglicerídeos muito acima dos índices desejáveis. O diabetes incontrolável. Sem a dieta nutricional há muito tempo proposta, e nunca seguida, sem a medicação que prescrevi e a atividade física recomendada, não poderemos avançar. Pelo que estou vendo o senhor corre sério risco de ser acometido de um AVC ou de um infarto do

miocárdio. E esse seu quadro, de radiante aflição, potencializa ainda mais esse risco... Perdoe-me, mas precisarei chamar sua esposa aqui. A situação é preocupante e precisaremos da comprometida participação da sua família para obtermos resultados efetivos.

— Eu é que lhe peço perdão. Posso me submeter a qualquer sacrifício, prometo, desde que não ponha minha esposa na enrascada em que me meti. Como o senhor sabe, as mulheres adoram nos colocar a pecha de relapsos, pouco colaborativos, dispersos, negligentes nas coisas que, para elas, são efetivamente importantes. E minha adorável esposa não é diferente... Reclama de falta de atenção, da programação esportiva que assiduamente assisto, dos respingos fora do vaso e da tampa invariavelmente levantada em nosso banheiro. Serei trucidado se o senhor lhe confidenciar tão aviltante notícia.

— Então, sem violar a ética médica, o que o senhor me sugere?

— Deixe-me ver.... - A delação premiada às avessas.

— Como assim?

— Na delação premiada presta-se uma informação sobre os autores e as provas de um crime, obtendo-se com isso a redução da pena. No nosso caso, muito *"suis generis"*, o senhor receberia uma irrecusável recompensa para refutar, peremptoriamente, a minha delação. Não falaria "nada" sobre o meu delicado estado de saúde.

— E que recompensa receberia?

— Muito sabiamente, o meu retorno mais frequente ao seu consultório e à oportunidade única de sedimentar o incipiente exercício de sua cidadania.... Ficaria sempre atualizado sobre a promiscuidade entre políticos e empresas privadas, o saque nas empresas públicas, as ações atabalhoadas na gestão do Estado, a crise de energia que atravessamos, as falcatrusas ...



Coronel Fábio de Moura e Silva Lins.

Foi o primeiro oficial do Exército pós 1964, nomeado pela Inspetoria Geral das Polícias Militares para comandar a PMSC. *"Quando me formei aspirante-a-oficial em 1971, fui trabalhar no Quartel do Comando Geral em Florianópolis e pude constatar ser ele um bom comandante e correto oficial. Deixou saudades. Comandou de 21-01-1969 a 12-06-1972"* (Acadêmico Roberto R. Menezes).

5 – Acadêmico Álvaro Maus



CHEQUES E LINGUIÇAS

Em dois anos de existência da Academia de Letras dos Militares Estaduais Catarinenses, temos conquistas a comemorar. Entre elas nossa primeira presidência. Temos um presidente de primeira estirpe. Poeta e escritor de mão cheia, entusiasta-mor da criação e do desenvolvimento da Academia. Não obstante, serão outras qualidades que no momento queremos destacar.

Ao mesmo tempo que é um *mão cheia* no que se refere às suas qualidades literárias, é um punho fechado no que se refere a finanças. Creio que todos desconhecíamos esse detalhe, que na verdade reputo como mais uma qualidade. Fico particularmente satisfeito com tal descoberta, pois caso não saibam, também carrego essa fama. Carregamos pois, presidente e tesoureiro, a fama de atravessar rio a nado chegando ao outro lado com um punhado de farinha seca presa no punho fechado (bota fechado nisso).

Pois foi nessa toada que chegamos certo dia a uma sessão solene da Academia. Aproveitando o ensejo, o Presidente me apresenta três recibos referentes ao registro de três atas junto ao cartório. Revela-se indignado com o fato do Cartório não ter emitido um único recibo. Em contrapartida e ainda revoltado com a existência de três recibos, solicita, que, no entanto, esse Tesoureiro emita em favor dele (que já havia à sua custa quitado as despesas) um único cheque cujo valor correspondesse à soma dos três recibos. Ciente do pouco que sei sobre os deveres e responsabilidades técnicas de um tesoureiro, informo a ele que o correto é emitir um cheque para cada comprovante individual de despesa. Retrucou dizendo que caso eu fizesse isso, ele se negaria peremptoriamente a receber os três cheques, o que considerava um desperdício de papel. Para não deixá-lo mais indignado, concordei e assim procedi, alertando-o quanto à necessidade de eventuais explicações ao Conselho Fiscal (se essa crônica não tiver outra utilidade, talvez possa servir à guisa de justificação).

Relatada a parte dos cheques, vamos às linguiças. Após a sessão solene, a comemoração foi numa das mais requintadas

churrascarias da capital. O preço “per capita” beirando a estratosfera. O cardápio, no entanto, estava efetivamente à altura dos preços. Garçons com todo tipo de carnes nobres rodavam, em profusão ao nosso redor, feito mariposas ao redor de lamparinas em noites de verão. Na primeira rodada, nosso ilustre presidente aceita: “uma linguicinha só, por favor”. Até aí, nada de espanto, não fosse a insistência de em outras tantas rodadas, ainda insistir na mesma linguicinha. Justificou, mesmo sem ser questionado, que para ele churrasco bom se resumia a uma boa linguiça. Fiquei desconcertado, intrigado. Tão probo com as contas da Academia e tão perdulário com as suas próprias, gastou horrores para passar a noite comendo linguicinhas, uma de cada vez, no varejo.

Saí mais cedo. Depois fiquei pensando qual não teria sido o seu desespero e a sua indigestão, se não hora do pagamento lhe fossem fornecidos tantos recibos e exigidos respectivos pagamentos individualizados, quantas foram as linguiças que saboreou! ...



Tenente Coronel Renato Tavares da Cunha Mello

Comandante Geral da Força Pública de 29-04-1933 a 29-04-1935. 1º Tenente de Artilharia do Exército, foi comissionado como tenente coronel para comandar a Força. Retornando à corporação federal participou, sob o comando de Luiz Carlos Prestes, da fracassada Intentona Comunista de Novembro de 1935, em que fez parte da invasão da Escola de Aviação Militar na Capital Federal. O presidente da República, Getúlio Vargas, sancionou sua perda da patente e do posto, além de expulsá-lo do Exército. (Do livro Policia Militar, origens e evolução, do acadêmico Andrei Francisco Fernandes).

6 – Acadêmico Luiz Antônio Cardoso



**PENSO, LOGO EXISTO ... E
BERRO!**

Acordei na terça-feira pós-eleitoral de 2014, pior do que as ressacas das terças dos velhos carnavaços. Desorganizado, desorientado e nauseado como poucas vezes lembro-me de ter sentido, levantei com uma frase martelando meu cérebro, “Penso, logo existo.”

A conclusão filosófica, atribuída ao pensador francês (Cogito, ergo sum), ricocheteava entre os meus circuitos neuroniais, aumentando a cefaleia provocada pelo porrete eleitoral. Era penoso conviver com a realidade e pior ainda, pensar sobre o seu pano de fundo, vendo um Paguro, um molusco gigante estampado nele.

Nos meus quase setenta anos de vida, já vi muito mais do que um dia sonhei ver, andando por aí... Vi pessoas que acreditam e o pior, que ainda acreditam em promessas de campanha política.

Vi bocas-alugadas com bons cargos comissionados, até na Petrobrás – galinha dos ovos de ouro de achacadores - que justificam a existência medíocre das suas vidas políticas, aconselhando que é preferível deixar do jeito ruim em que coisas se encontram, antes do que fiquem piores. Piores? Caras de pau, esculpidas em madeira de lei, duram para sempre.

Vi e ouvi, sem saber qual das duas percepções o de ser a mais perversa, o ministro da Res publica (coisa pública) Federativa, se pronunciar logo após uma vitória eleitoral. Posava com ar de orgulho incontido (ou seria de deboche?), numa análise brilhante ou bolivariana, sobre a minguada diferença de votos, num empate técnico nos resultados (? Não cogite, dizem que o sistema eletrônico é inviolável), que o povo aprovara o modelo e os resultados da economia e da paz

social. Paz? As políticas públicas assistencialistas e bem anabolizadas pelas propagandas, estão cavando uma trincheira social perigosa, na forma de uma secessão bolivariana.

Instigam os “menos favorecidos,” verdadeira massa de manobra, a defenderem em batalhas campais, e principalmente urbanas, onde se reúnem os adensamentos populacionais, os ideais de distribuição social dos bens. Costumam usar de truculência de milícias partidárias e exageram nos buzinaços e bandeiraços, uma atoleimada poluição sonora e visual, para intimidar quem tem massa crítica e toma decisões por sua própria capacidade de pensar, pois existem.

Caso se confirme a afirmação bíblica de que o tempo é o Senhor da razão, então, a razão já perdeu o seu tempo, pois é a maioria que existe, mas pouco ou nada pensa, que marca o caminho que deveremos seguir.

Para o improvável “comportamento de estouro” da minoria que Pensa, logo existe, só resta o berro como um vagido de um consumido político.

Posso até ser esmagado por essa massa de partidários ideológicos que se aquietou na zona de conforto, dos viciantes programas sociais, mas vou continuar berrando, mesmo sendo abafado pelos apupos daqueles que acreditam nas mentiras que constroem.



Alferes Octávio Inácio da Silva

Comandou o Corpo de Segurança (antiga denominação da PMSC nos anos 1896 a 1912) de 13 de dezembro de 1896 a 30 de novembro de 1897.

REGISTROS E CORRESPONDÊNCIAS



Foto publicada no Almanaque do Centenário de 1935, e que consta também do livro “No tempo do Coronel Lopes”, do Acadêmico Edmundo José de Bastos Júnior: Em 1928 começam a ser planejados Cursos de Preparação Militar para sargentos e de Aperfeiçoamento para Oficiais. Sentados da esquerda para a direita: Capitão Durval de Magalhães Coelho, Diretor do Curso e professor; Coronel Pedro Lopes Vieira (*patrono*), Comandante Geral, e Capitão do Exército Risoletto Barata de Azevedo, professor, que seria o Comandante Geral da PM de Outubro de 1932 a Abril de 1933. Ao lado do banco, em pé, à esquerda o 1º Tenente Dr. Joaquim Brasil Cabral, engenheiro militar e professor de Matemática. Ao lado do banco, em pé, à direita o 1º Tenente Alexandre Nogueira Mimoso Ruiz (*patrono*), professor de História Geral e Geografia. E da esquerda para a direita os alunos: Tenente Demerval Almeida Cordeiro (*patrono*), Capitão João Cândido Alves Marinho (*patrono*), Tenente João Ferreira de Resende, Capitão Pedro Manoel Pinheiro, Tenente João Von Walckenstein e Tenente Antônio de Lara Ribas (*patrono*). Nesta foto histórica estão cinco patronos da Academia.

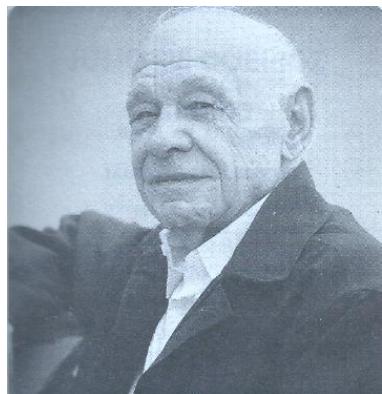


Florianópolis, 13 de agosto de 2014.

Meu caro Roberto:

Acabo de receber “Castelo Verde”, tua recente produção poética e historiográfica. Historiográfica, sim, porque vestes com a força de teus versos, importantes páginas da cultura clássica, como o Dante Alighieri, o Boccaccio, o Maquiavel, e nem escapam os heróis míticos da Grécia ou as lendas indígenas de nosso Estado. Você acaba de produzir uma obra única dentro da literatura dos catarinenses: trazer à tona o mundo clássico, hoje tão esquecido e até menosprezado. Parabéns também pelo “O Clarim” nº 4, com as atividades da Academia de Letras dos Militares Estaduais. Que fôlego, meu caro presidente! E meus parabéns pelo artigo “Contradicando”, no qual desfazes um mal-entendido sobre a participação de militares catarinenses no movimento revolucionário de 1964. Meus cordiais cumprimentos também pelo espaço que você e seus colegas acadêmicos estão desempenhando na literatura dos catarinenses. Um abraço do

Celestino Sachet – Academia Catarinense de Letras e IHGSC.



Ilustre Coronel Roberto Rodrigues de Menezes:

Dediquei-me, com crescente prazer e admiração a percorrer os brilhantes salões poéticos de seu “Castelo Verde”. Esta magnífica obra, Coronel Roberto, leva-me a compartilhar a admiração expressa pelo poeta português Eugênio de Sá, não só ao desvelo dado à forma imortal da poética clássica, mas também ao conhecimento abalizado de nossa herança cultural. Não há

outra maneira de agradecer-lhe o fortalecimento da minha certeza de que intelectuais como o senhor defenderão brilhante e vitoriosamente as ameias da cultura ocidental. Meus mais sinceros parabéns. 17-08-2014
Júlio de Queiroz – Academia Catarinense de Letras e IHGSC.

Polícia Militar – Denominações

Fundada em 1835 com o nome Força Policial.

Em 1854 passa a ser Companhia de Polícia.

Em 1857 volta a ser Força Policial.

Em 1896: Corpo de Segurança.

Em 1912: Regimento de Segurança.

Em 1917: Força Pública.

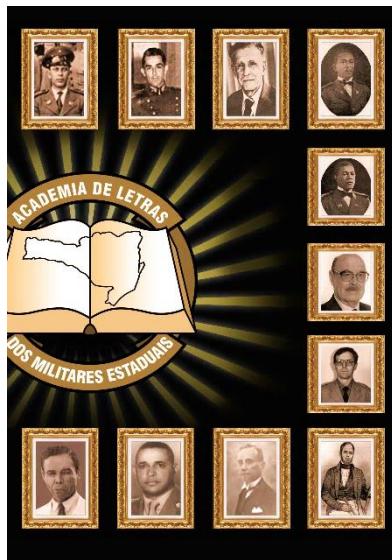
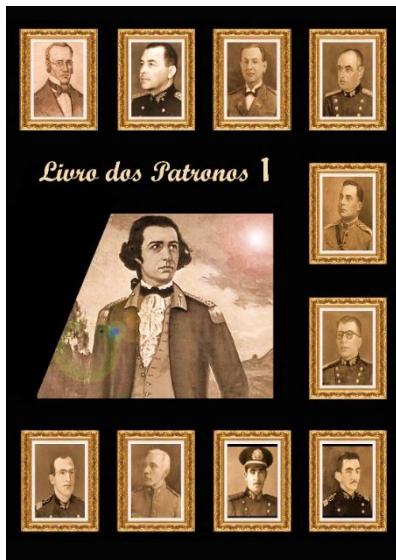
Em 1947: Polícia Militar.



É muito prazeroso ver nossos pares alegres, descontraídos e felizes.

1º/10/2014 – Comemoração dos dois anos da Academia e posse de novos membros na ABVO, Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais na Trindade, Florianópolis.

LIVROS e REVISTAS



Livro dos Patronos I (Capa e Contracapa)

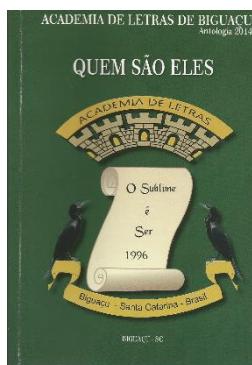
Breves biografias dos 21 patronos da nossa Academia. As cadeiras 22 (Alexandre Nogueira Mimoso Ruiz), 23 (Agostinho Sielski) e 24 (Luiz Delfino dos Santos) já estão preenchidas. Faltam-nos dezesseis patronos, que anualmente iremos escolhendo, com a orientação de nosso decano Coronel Edmundo. Como é nossa intenção a cada ano preencher três vagas, acreditamos que em 2019 esta galeria estará completa, com o segundo livro e dezenove biografias de patronos. Sem esquecer que o patrono-mor da Academia é o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. (Organizador: Roberto R. de Menezes. Capa e contracapa de Adriana do Amaral Menezes Souza – Maia Tecnologia). Editora Papa-livro – Fpolis.



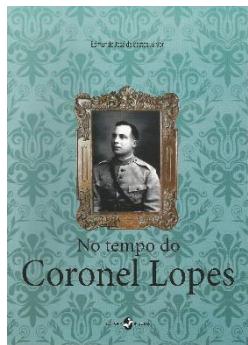
Revista Ventos do Sul do Grupo de Poetas Livres, gentileza de Eloah Naschenweng, Presidente, e Maura Soares, Vice. Ano XVI, nº42, primeiro semestre de 2014. O acadêmico Álvaro Maus teve seu poema “Saudade, onde moras?” publicado neste exemplar, por iniciativa da entidade e em razão da qualidade do trabalho poético. Parabéns ao nosso poeta e competente tesoureiro.



Prevenção de incêndios – obra do acadêmico Luiz Antônio Cardoso. Uma retrospectiva dos primeiros anos das atividades técnicas do Corpo de Bombeiros Militar em Santa Catarina (1973-1993). Um importante período da história – Editora Papa-livro – 2014. Cardoso se destacou nas relevantes atividades de caráter técnico do valoroso CBM. Tem se destacado também como cronista da ilha dos casos e ocasos raros.



(Quem são eles) **Antologia 2014 da Academia de Letras de Biguaçu**, o livro dos 40 patronos. Lançada no dia 19 de Setembro deste ano no Casarão Born, na praça central do município de Biguaçu. Organizada por seu presidente, o escritor Adauto Beckhauser, retrata breves biografias dos vultos históricos que, como patronos, enriquecem o belo acervo literário daquela academia. Parabéns à diretoria e a todos os seus integrantes.



No tempo do Coronel Lopes – Editora Insular 2014. Segunda edição revista e ampliada do livro do nosso Acadêmico Edmundo José de Bastos Júnior. Obra indispensável para o conhecimento de uma época marcante na corporação policial militar catarinense e, por isso, de utilização recomendada em todos os cursos de nossas duas corporações, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros Militar.

Com o Livro dos Patronos I, Castelo Verde, Andando por aí, Prevenção de incêndios e No tempo do Coronel Lopes, de 2014, cumpre a nossa Academia sua destinação por excelência: a produção de obras literárias, históricas e científicas de qualidade. De 2013: 1ª Antologia da entidade, Áquia Urbana, Vida de Caserna e Castelo Púrpura. De 2012: Memória Militar Estadual, Castelo Azul, 10º BPM, os primeiros 25 anos, Arcanjo e Epicentro de uma tragédia.

Acordes de “O Clarim”

A música, inspirando sentimentos,
Desperta doce clima de magia
Propício aos amores e acalentos,
Traduzidos em bela sinfonia.

Acordes suaves, quase fragmentos
De emoções, em perfeita sintonia,
Compõem os romances e juramentos
Impregnados de azul melancolia;

Melodiosa gama de emoções
Embeleza a vida como uma flor,
Fazendo palpitar os corações

Dos poetas, nos bancos de jardins,
A escrever líricos versos de amor,
Impressos nas páginas de “O Clarim”

(Homenagem a “O Clarim”, revista de Cultura da Academia de Letras dos Militares Estaduais, na página 51 do livro de poemas “Tecendo Alegorias”, da poetisa Zenilda Nunes Lins. A ela o nosso agradecimento por tão delicada evocação).



Nosso agradecimento muito especial ao Tenente Coronel Flávio Graff, do Corpo de Bombeiros Militar, que cedeu para publicação no Livro dos Patronos I, seu brilhante texto sobre o preclaro Capitão Manoel Gomes, patrono da Cadeira 18, atualmente vaga. A foto foi copiada do Boletim informativo da Acors.

Condecorações da Academia em 2014



Segunda concessão da Medalha de Mérito Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina. Condecoração anual concedida na sessão solene de aniversário da entidade em Outubro, a personalidade destacada da literatura catarinense. Este ano o agraciado foi o escritor e historiador **Nereu do Vale Pereira**, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da Academia Desterrense de Letras, da Academia Sul-brasileira de Letras e da Academia Portuguesa de História. (Art. 54 do Estatuto). No ano passado a 1ª edição da Medalha premiou o insigne escritor Artemio Zanon, da Academia Catarinense de Letras.

Título Honorífico Amigo da Academia de Letras dos Militares Estaduais de Santa Catarina, para personalidade ou entidade que tenha auxiliado de forma efetiva a Academia. Concedido em Outubro deste ano ao **Dr. César Luiz Belloni Faria**, Presidente da Câmara de Vereadores de Florianópolis, que patrocinou a declaração de utilidade pública municipal de nossa entidade. (Art. 55 do Estatuto).

Título de Acadêmico de Honra conferido ao **Coronel Valdemir Cabral**, Comandante Geral da PMSC. (§ 3º do Art. 11 do Estatuto da entidade).



Prof. Nereu



Cmt Cabral



Dr. César

Capa: Diretoria Executiva: Sentados, Álvaro Maus, Roberto Menezes, Edenice Fraga. Em pé: Alexandre Corrêa, Paulo Bornhofen e Fredolino David. Sessão solene de 1º/10/14.

Contracapa: Foto 1: Acadêmicos presentes à sessão de 1º/10/14: Sentados: Cardoso, Edmundo, Roberto, Oliveira, Andrei, Alessandro. Em pé Bornhofen, Schelavin, Edenice, Altair, Corrêa, Ib, Maus, Vitovski, Giovani, Menezes, David.

Foto 2: Sessão de 1º/10/14: Coronel Rogério Martins, Presidente da ABVO e os dois Comandantes das Corporações Militares Estaduais.

Revista (capa e contracapa): Adriana do Amaral Menezes Souza (Maia Serviços e Tecnologia Ltda.)

Redação e coordenação: Roberto Rodrigues de Menezes.

Impressão: Editora/Gráfica Natal.

Entidade fundada em 1º de Outubro de 2012 e instalada em 25 de Outubro de 2012. Sede da Academia na Associação Barriga Verde dos Oficiais Militares Estaduais, Rua Lauro Linhares 1250, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina, CEP 88036-002. Utilidade Pública Municipal (Florianópolis): Lei 9.608 de 15 de agosto de 2014. Correspondência para o Presidente ou Secretaria.

(roberto.rodrigues.menezes@gmail.com)



Escritores Liberato Manoel Pinheiro Neto e Artemio Zanon, da Academia Catarinense de Letras, presentes à Sessão Solene acadêmica de 2º aniversário.



1º-10-2014: Historiador Nereu do Vale Pereira recebe do Presidente a Medalha *Academia de Letras dos Militares Estaduais*, pela relevância de sua obra literária. (Foto CBM)



1º-10-2014 – Sílvia Maria Amaral Menezes, esposa do presidente Roberto Rodrigues de Menezes, Coronel Valdemir Cabral, Comandante Geral da PM e esposa Heloísa Abdalla Freire (Foto PM).